

# O tempo do doutorado e o papel das TICs: questões para pesquisa e análise\*

# 9

*The time of a doctorate and the role of the TICs:  
questions for research and analysis*

*El tiempo de doctorado y el papel de las TICs:  
cuestiones para la investigación y análisis*

Lucídio Bianchetti<sup>#</sup>  
Luiza Turnes<sup>\*\*</sup>  
Rafael Cunha<sup>\*\*\*</sup>

**Resumo:** A implementação e o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na vida em geral, e aqui com destaque nas esferas do mundo do trabalho e da educação, têm acarretado mudanças significativas na vida das pessoas, nos cenários e nas estruturas sociais contemporâneos. Na Pós-Graduação (PG) essas mudanças vêm atingindo todos os envolvidos no que diz respeito à produção e veiculação do conhecimento e à necessidade de defrontar-se qualificadamente com o redimensionamento espaço-temporal proporcionado pela inserção das TICs nos processos de estudo e trabalho. Neste artigo, decorrente de uma pesquisa vinculada a um Programa de Pós-graduação e realizada com doutorandos em educação de uma universidade pública, analisamos como se relacionam à categoria *tempo* com o uso das TICs para fazer frente ao desafio do processo de doutorado no contexto atual. Por meio de entrevistas com os participantes e à luz da análise de conteúdo, identificamos que os doutorandos estão se adaptando à lógica do denominado produtivismo acadêmico, embora, muitas vezes, sentindo-se paralisados diante das exigências induzidas pelos órgãos de avaliação e fomento da PG. E, nesse sentido, paradoxalmente, afirmam encontrar nas TICs um importante aliado à consecução do

<sup>#</sup> Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no decorrer da 37ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (Anped), realizada no mês de outubro de 2015, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis.

<sup>\*</sup> Doutor em Educação. Atualmente é professor aposentado/voluntário no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, Florianópolis. *E-mail:* lucidio.bianchetti@pq.cnpq.br

<sup>\*\*</sup> Doutoranda em Educação. Professora no curso de Especialização na Cultura Digital da UFSC, Florianópolis. Mestrado em Educação *E-mail:* luh\_turnes@hotmail.com

<sup>\*\*\*</sup> Florianópolis, SC. *E-mail:* rafa0682@live.com

doutoramento, embora perpassado pela intensificação do tempo. Além disso, o próprio redimensionamento de tempos e espaços na consecução do doutoramento e no processo de pesquisa e escrita da tese com a mediação das TICs configura-se como uma “faca de dois gumes”, cujas contradições são inerentes ao modelo de regulação e avaliação da PG no Brasil. Finalmente, com base nos depoimentos dos entrevistados e nas relações entre produtividade, intensificação do tempo e mediação tecnológica nesse contexto da PG, questionamos a respeito da possibilidade de resgate da perspectiva omnilateral nesse processo formativo de futuros doutores.

**Palavras-chave:** Doutorado. TICs. Tempo. Trabalho e educação.

**Abstract:** The implementation and use of Information and Communication Technologies (ICTs) in life in general, and here with an emphasis on the spheres of work and education, have led to significant changes in people’s lives and in contemporary social structures and scenarios. In graduate studies, these changes have affected all those involved in the production and dissemination of knowledge and make it necessary to conduct qualified considerations about the spatial-temporal redimensioning caused by the insertion of ICTs in study and work processes. This article is based on a study conducted with doctoral candidates in a graduate education program at a public university. We analyzed how they relate the category of time with the use of the ICTs to face the challenge of the doctoral process today. Using interviews with the participants and content analysis, we identified that the doctoral students are adapting to the logic of the so-called academic productivism, although they often feel paralyzed by the demands induced by the graduate evaluation and financing agencies. They paradoxically affirm that the ICTs are an important ally for conducting the doctorate, although they cause an intensification of time in all elements of the process. Moreover, this redimensioning of times and spaces in the doctoral program and in the research and writing of theses with the mediation of the ICTs is seen as a “double-edged sword”, whose contradictions are inherent to the model of regulation and evaluation of graduate studies in Brazil. Finally, based on the statements of those interviewed and on the relations between productivity, intensification of time and technological mediation in this context of graduate studies, we question the possibility to revive an omnilateral perspective in this process for educating future doctors.

**Keywords:** Doctorate. ICT. Time. Labor and education.

**Resumen:** La implementación y uso de Tecnologías de Información y Comunicación (TICs) en la vida en general, y aquí especialmente en las

esferas del mundo del trabajo y la educación, han llevado a cambios significativos en la vida de las personas y en los escenarios y las estructuras sociales contemporáneas. En el Postgrado (PG) estos cambios vienen llegando a que todos los involucrados en la producción y transmisión del conocimiento y a la necesidad de confrontarse de manera cualificada con el redimensionar del espacio-tiempo proporcionado por la inserción de las TICs en los procesos de estudio y trabajo. En este artículo, resultante de la investigación vinculada a un programa de postgrado y realizada con los estudiantes de doctorado en educación de una universidad estatal, analizamos cómo estos relacionan la categoría tiempo con el uso de las TICs para afrontar el reto del proceso doctoral en el contexto actual. A través de entrevistas con los participantes y teniendo en cuenta el análisis de contenido, se identificó que los estudiantes de doctorado están adaptándose a la lógica del llamado productivismo académico, mientras se sienten a menudo paralizados frente a las exigencias inducidas por las demandas de evaluación y promoción de PG. Y en ese sentido, paradójicamente afirman encontrar en las TICs un importante aliado para la realización del doctorado, aunque intensificado por el encurtamiento del tiempo. Además, el propio redimensionamiento de tiempos y espacios en la consecución del doctorado y en el proceso de investigación y redacción de la tesis con la mediación de las TICs aparece como una “espada de doble filo”, cuyas contradicciones son inherentes al modelo de regulación y evaluación del PG en Brasil. Finalmente, basado en el testimonio de los encuestados y la relación entre la productividad, intensificación del tiempo y mediación tecnológica en este contexto de PG, interrogamos sobre la posibilidad de rescate desde la perspectiva omnilateral en este proceso de formación de futuros doctores.

**Palabras clave:** Tesis doctoral. TICs. Tiempo. Trabajo y educación.

## 1 Contextualização da pesquisa

O presente artigo resulta de pesquisa desenvolvida entre 2013 e 2014, com doutorandos de um Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Região Sul, objetivando mapear o uso das TICs no processo de doutorado e relacionar esses usos ao tempo para a conclusão do curso – quatro anos, no caso – em um contexto de intensificação do tempo e de predomínio de uma lógica produtivista induzida pelas agências de fomento e regulação da PG.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Na análise da condição de vida/trabalho dos doutorandos entrevistados, deparamo-nos com questões muito próximas ou idênticas àquelas analisadas por Antunes e Braga (2009) e outros, ao focarem as condições de trabalho, na virtualidade, dos denominados “infoproletários”.

Partimos do pressuposto de que a introdução das TICs nos processos de trabalho e pesquisa, bem como na vida em geral, provoca, entre outros aspectos, um redimensionamento das categorias espaço/tempo no processo de produção da vida individual e social. E, se, por um lado, o desenvolvimento das forças produtivas traz a possibilidade de diminuição do trabalho vivo, na forma capitalista, as transformações tecnológicas têm repercutido de diferentes maneiras no curso de trabalho, conduzindo a uma intensificação do tempo e à ampliação do número de tarefas. (BIANCHETTI, 2008). Temos claro que esse fenômeno não pode ser explicado ou atribuído exclusivamente às TICs em si mesmas, visto que não são elas os agentes históricos que promovem condições mais precárias ou mais profícuas de trabalho, mas, ao contrário, deve-se buscar, nas relações sociais de produção, os determinantes dessas condições, no sentido do que já argumentava Pinto (2005).

Via investigação, percebemos que essa mesma lógica produtivista que acompanha o desenvolvimento das forças produtivas se estende também à pesquisa e à produção acadêmicas na PG, reguladas por um marco de caráter mercadológico-instrumental, induzido pelas políticas de avaliação e fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) desde meados da década de 90 (séc. XX). Como decorrência, para os envolvidos com a PG, temos presenciado a emergência de fenômenos relacionados à intensificação do trabalho acadêmico e ao crescente mal-estar na universidade, como se pode observar, entre outros, em Sguissardi e Silva Júnior (2009) e Trein e Rodrigues (2011). Nesse contexto, paradoxalmente, as TICs transformam-se em meios de ampliação da produtividade e em expropriadores do tempo de descanso, lazer e fruição, tão necessário ao equilíbrio físico-emocional dos pesquisadores, paralelamente, no caso desta pesquisa, a um tempo mais curto e mais intenso para desenvolver e concluir o doutorado. Além disso, no contexto do *aligeiramento* da formação, da indução ao cumprimento de prazos e ao produtivismo, tais questões os desafiam a refletir sobre o uso das TICs na PG como um elemento que pode potencializar a pressão que é exercida sobre os orientadores e orientandos, concomitantemente, a inegáveis vantagens que esses meios podem proporcionar. (TURNES, 2014).

Tendo essas questões de fundo, por meio de entrevistas realizadas com 16 doutorandos de uma universidade pública do Sul do Brasil e com base na metodologia da análise de conteúdo proposta por Bardin

(1977), organizamos os dados que emergiram dessas entrevistas em diferentes categorias de análise, agrupadas em blocos distintos: 1) Uso das TICs; Processo de Orientação; Otimização do Tempo via TICs; 2) Tempo do Doutorado/Doutorado *Sandwich*; Estratégias para a Conclusão do Curso; e 3) Qualidade das Teses; Produtividade Acadêmica. As categorias de análise agrupadas nesses três blocos e suas subdivisões auxiliam na compreensão de como os doutorandos que participaram da pesquisa relacionam a categoria tempo com o instrumental tecnológico disponível para fazer frente ao desafio da pesquisa, da elaboração da tese e da conclusão do seu curso.

Neste trabalho vamos priorizar a análise de depoimentos dos entrevistados a fim de desvelar, do seu ponto de vista, como as TICs têm sido utilizadas nas pesquisas e de que maneira esse uso pode (ou não) otimizar o tempo, interferindo, inclusive, nos prazos para a conclusão do curso e na qualidade das teses produzidas, bem como da própria vida/trabalho dos entrevistados.

## 2 Usos das TICs na elaboração da tese: “uma faca de dois gumes”

A análise dos dados das entrevistas com os doutorandos corrobora, em parte, as argumentações em torno do lado *facilitador* das TICs para algumas tarefas, em termos de otimização do tempo de desenvolvimento do doutorado, sobretudo nos aspectos operacionais. Dos 16 entrevistados, todos fizeram referência aos ganhos que a incorporação das TICs nos processos de pesquisa e escrita possibilitam, embora alguns tenham afirmado que as suas pesquisas não demandavam muitos aportes tecnológicos, salvo à pesquisa bibliográfica. Alguns doutorandos consideram que utilizam as tecnologias de maneira limitada. Os entrevistados (Da14 e Do05),<sup>2</sup> que afirmaram utilizar pouco as tecnologias, disseram que o fizeram apenas para acessar a *internet*, para pesquisa bibliográfica ou acessar o seu *e-mail*, e também usam o editor de textos para a escrita da tese. Em outros casos, mesmo que as tecnologias não tenham sido citadas como fundamentais, paradoxalmente, os entrevistados citam vários recursos tecnológicos utilizados no desenvolvimento da sua pesquisa – indo ao encontro do que McLuhan

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, a fim de manter o anonimato dos participantes, cada um recebeu um código de identificação, sendo “Da” (doutoranda) e “Do” (doutorando), sucedido de um código numérico, ordenado de acordo com a organização dos dados, estendendo-se de 01 a 16.

(1995) afirmava acerca da incorporação das tecnologias, que vão perdendo a visibilidade quanto mais se tornam familiares à medida que são incorporadas.

Alguns doutorandos – três do total de 16 – afirmaram que utilizaram as TICs para desenvolver suas pesquisas empíricas, seja para acesso a fontes bibliográficas via internet, seja para coleta de dados envolvendo um universo muito grande de sujeitos e que seria impossível, nas condições cronológicas de desenvolvimento da pesquisa, administrar em papel. Uma das entrevistadas (Da16) afirma que ampliou o leque de ferramentas tecnológicas que utilizou no desenvolvimento da tese e que lançar mão de alguns recursos *online*, como as pastas e repositórios de compartilhamento em nuvem, possibilitou mais segurança no arquivamento e na disponibilização de dados. Outra entrevistada (Da07) afirma que, quando foi realizar o doutorado *sandwich*, em outro país, teve dificuldade de acesso aos materiais que precisava consultar, pois esses não estavam disponíveis *online*, embora existissem em formato digital. Era necessário que uma funcionária da universidade fizesse a busca na base de dados local e, por meio de *pen drive*, disponibilizasse os arquivos de que a doutoranda necessitava.

Pela análise dos depoimentos desses doutorandos, confirma-se a tendência de que os principais ganhos relacionados às TICs se referem à facilidade de acesso a bases de dados e leituras *online*, mas também às ferramentas de comunicação, principalmente no caso daqueles acadêmicos que não estão fisicamente próximos da universidade para contato com o orientador ou dos sujeitos de suas pesquisas, por exemplo. Nesses casos, houve ganhos do ponto de vista econômico-financeiro, por dispensar uma série de viagens para orientação, além de todo o desgaste envolvido nesses deslocamentos. Em paralelo, essa economia de tempo, custos e desgaste possibilita otimizar a utilização do tempo para outras tarefas, ou mesmo para uma ampliação do número de orientações e das possibilidades de contato.

Todos os 16 entrevistados referiam-se ao acesso à *internet* para pesquisa do referencial teórico de suas teses. Cinco deles citaram, ainda, a utilização de dispositivos de compartilhamento de conteúdo *online* no qual podem escrever uma parte de sua tese e inserir o arquivo na rede, que ficará acessível a partir de qualquer outro dispositivo digital/móvel – o que possibilita a continuidade do trabalho em qualquer espaço físico, desde que se disponha de acesso à *internet*. Todos os entrevistados

disseram que utilizaram o recurso do *e-mail* com os professores-orientadores para fins informativos, para agendar orientações (algumas via internet) ou para enviar os trabalhos e leituras. Constatamos que os entrevistados que moravam em cidade diversa daquela em que cursaram o doutorado (ou os que tiveram a oportunidade de ir para o doutorado *sandwich* em outro país) utilizaram mais e se referem de maneira mais positiva ao uso das TICs no processo de orientação. Sobre o envio de textos por *e-mail*, uma das entrevistadas (Da14) afirmou que o trabalho foi “facilitado” pelo uso de mecanismos de revisão no próprio corpo do texto enviado *online*, o que tornou o processo de trocas e correções das diferentes versões da tese mais dinâmico.

A maioria dos entrevistados se manifestou no sentido de que o uso das TICs poderia otimizar o tempo do doutorado, especialmente na localização e consulta de materiais bibliográficos e/ou documentais por meio da *internet* e, em alguns casos, para encontrar obras raras na rede, obras que demandariam muito tempo ou mesmo impossíveis de encontrar em sebos e livrarias. No mesmo sentido, há um comparativo expressado pelos doutorandos sobre os momentos *pré-internet* e *pós-internet* e de como as pesquisas eram realizadas sem os recursos tecnológicos atuais: “*A gente já não se imagina mais sem isso [as tecnologias].*” (Da01) ou “*como eu já vim dessa geração [...], eu não me imagino não fazer a minha tese no computador [...]. Quando não tem computador, a gente fica se perguntando: “bom, e agora?”, [...] eu não posso trabalhar*”. (Da12). A entrevistada reconhece que, na verdade, é possível trabalhar, mas que está tão habituada ao uso dessa tecnologia, que ela já está incorporada como uma ferramenta de trabalho.

Todos os entrevistados enfatizaram as inúmeras possibilidades do uso de recursos tecnológicos para o desenvolvimento da sua pesquisa. Contudo, subjacente a alguns depoimentos, podemos inferir que existem riscos à otimização do tempo no que se refere ao uso das TICs: a possibilidade de, ao pesquisar sobre determinado conteúdo, o usuário começar a “zapear” de um *link* a outro e se perder em páginas da *Web* que nada têm a ver com a motivação inicial de sua busca: “*Você fica atordoado. Você está lendo um texto, daí você cita um autor que você nunca ouviu falar. E você lança o nome dele, e aquilo vai te lançando link, link, link [...]. Então, se você não tiver um cuidado, aí você se perde também*”, (Da09). Essa “faca de dois gumes” é um aspecto ao qual três doutorandos chamaram a atenção e está diretamente ligado, no nosso entendimento,

à ideia de inclusão digital, isto é, à disponibilização dos meios e ao conhecimento a respeito de que forma melhor utilizar as TICs, de acordo com as necessidades, sem cair nas armadilhas da rede.

### 3 Choque de temporalidades: entre *chronos* e *kairós*

Cada cultura tem suas próprias impressões sobre o tempo e os valores que atribuem a ele. Por isso, consideramos importante trazer à tela as concepções míticas da noção de tempo, que possibilitam conexões esclarecedoras sobre o(s) tempo(s) que vivenciamos na atual conjuntura. Recuperar brevemente a percepção do tempo e das divindades da mitologia grega pode contribuir para a reflexão sobre *os tempos* e sua relação com as TICs no processo de doutorado dos nossos entrevistados.

Os gregos constataram, inicialmente, que o tempo passava. Surge, desse modo, o *Chronos* (FERRY, 2014). A passagem do tempo era perceptível a qualquer observador que atentasse para os ciclos da natureza, entre eles o dia sucedendo à noite. No entanto, além da passagem sequencial, cronológica, outra dimensão do tempo, relacionada à sua qualidade, precisou ser nominada: sua intensidade. Daí a segunda divindade, *Kairós*, próxima, porém distinta. Com *Chronos* e *Kairós* ocupando-se da cronologia e da intensificação temporal, a construção arquetípica daquilo que viria a ser um dos grandes dilemas da humanidade teria sido, para os gregos, completada: a relação com o tempo (BRANDÃO, 1991; NEGRI, 2003).

Dada essa breve contextualização acerca da concepção mítica do tempo para explicar a realidade, enfatizaremos, neste item, os tempos múltiplos, apressados e urgentes, por meio do segundo bloco de categorias de análise: Temporalidades em Choque; e Estratégias para a Conclusão do Curso. Procuraremos relacionar o tempo do doutorado à luz de *Chronos* e *Kayrós*, em relação aos outros tempos de vida dos doutorandos e analisar quais são as estratégias das quais lançam mão para concluir o curso no tempo previsto e como se manifestam com relação às estratégias utilizadas para cumprir as exigências da Capes. Além disso, por meio dos depoimentos, apreendemos que alguns doutorandos tiveram problemas de saúde no período do curso, sendo que a maior parte desses, de acordo com seu ponto de vista, eram decorrentes do próprio processo. Com isso, podemos dizer que há, no período do doutorado, um choque de temporalidades.

Praticamente a totalidade – 15 dos 16 entrevistados – afirma que os outros “tempos”, da vida profissional e pessoal ficaram em “segundo plano”. A maioria deles afirma ter mergulhado completamente em questões relacionadas à tese, principalmente na fase de escrita, e, quando “escapavam” do foco, sentiam-se culpados ou pensavam que o tempo havia sido perdido e que poderiam estar produzindo. O tempo do curso de doutorado e as pressões dos órgãos avaliadores e financiadores acabaram fazendo prevalecer uma lógica que levava o pós-graduando a se sentir culpado caso não conseguisse “dar conta” das exigências no tempo determinado, pois isso acarretava consequências nos campos pessoal e institucional. Uma das entrevistadas (Da07) explicitou: *“Até mesmo vir para a Universidade assistir uma defesa, que tem a ver com o meu trabalho de certa forma, porque é o mesmo referencial teórico, eu penso que poderia estar trabalhando. Então acaba tomando todo o teu pensamento”*.

Outra entrevistada (Da02) manifestou-se da seguinte maneira com relação à lógica da produtividade: *“Eu percebo é um aligeiramento [...] porque tem uma perspectiva da produção, ou seja, você precisa produzir, e para isso você tem que ser rápido.”* Na maioria das falas dos entrevistados apareceu essa preocupação com o “tempo do doutorado”.<sup>3</sup> Alguns deles afirmaram que nem sempre esse foi compatível com o tempo de amadurecimento teórico, de aprendizagem, com o ritmo biológico e com o ritmo da vida pessoal dos doutorandos. E, nesse contexto, embora as TICs propiciem a otimização do tempo para a realização de algumas atividades, *“o processo do doutorado é um processo de muita paciência, de construção de conceitos, então não é a tecnologia que vai tornar o processo de doutorado mais rápido ou menos rápido, [pois é] um processo de amadurecimento teórico, e ele exige idas e vindas ao mesmo lugar muitas vezes.* (Da11).

Além desse aspecto, a dificuldade de conciliar “tempos” referentes à vida acadêmica e à pessoal também apareceu na fala dos entrevistados. No entanto, percebemos que há certa resignação – ou período de “ciência normal”, após a “quebra paradigmática”, nas palavras de Kuhn (2000) – ao que está posto e parece não haver outra saída a não ser aderir a esse movimento de encurtamento do tempo de formação e

---

<sup>3</sup> Nossos entrevistados afirmaram, com exceção de uma doutoranda, que a vida pessoal ficou secundarizada com relação à vida acadêmica no período de realização do curso, evidenciando ou reforçando os “achados” e as reflexões de Araújo (2006, 2007) em suas pesquisas sobre o “tempo do doutorado”.

ao aumento da produtividade. Isso tem implicações diretas sobre a qualidade das produções, as estratégias utilizadas pelos pesquisadores e mesmo sobre suas condições de saúde. Nessa temporalidade compulsória – a data-limite para defesa da tese – o uso das TICs pouco pôde contribuir e, em alguns casos, as “vantagens” direcionam-se mais a um estado de precarização dos processos de pesquisa. Sobre esse aspecto, podemos sintetizar, pelo depoimento dos doutorandos, que o tempo da pesquisa não é o mesmo da aprendizagem. Uma das entrevistadas (Da01) afirmou: “*A maior dissonância é essa, porque eu precisava de muito mais tempo para conseguir digerir [sic] tudo o que eu estou aprendendo. [...] Então, quando você vê, o teu prazo acabou, [mas] você não alcançou aquilo que você esperava*”.

Essa ambiguidade entre o tempo de doutorado induzido pelas políticas advindas dos órgãos de avaliação e financiamento e o tempo dos doutorandos diz respeito não apenas à aprendizagem, mas à própria elaboração da escrita da tese. Nesse sentido, podemos afirmar, com base nas entrevistas, que no “tempo Capes” o uso das TICs facilita, porém não o suficiente àquilo que autores como Chauí (2003) e Moraes et al. (2003) definem como “formação”. Uma das decorrências é que a dicotomia entre esses tempos diversos tem consequências as mais variadas a partir das estratégias empreendidas pelos doutorandos, cujos resultados podem, no limite, mais atentar do que contribuir para uma formação condizente com o nível de doutorado e a qualidade de vida dos pós-graduandos desse nível.

Assim, os doutorandos precisam também adequar o tempo de muitas exigências da fase da tese a outros tempos – relacionados a atividades profissionais ou à vida pessoal – uma vez que muitos, paralelamente ao curso, mantêm seus postos de trabalho, inflando as estatísticas dos trabalhadores que estudam ou, como aparece na literatura internacional, dos “doutorandos *part-time*.” (WATTS, 2010). Para além dessa dificuldade de conciliação entre temporalidades, o modo como se vive o tempo do doutorado pode trazer implicações diretas sobre as condições de saúde dos pesquisadores, a exemplo de manifestações de quatro entrevistados, sobretudo no que se refere aos aspectos emocionais e psicossomáticos. Em suma, as exigências da PG levam os pesquisadores, em alguns casos, a uma situação de doença física e/ou emocional, pela captura do tempo livre ou por questões ergonômicas e ergológicas (SWARTZ, 2005) pelo uso excessivo de tecnologias para estudo, pesquisa e elaboração da tese.

Nada mais degradante no tocante à apropriação do tempo dos pesquisadores, e que vem na contramão de uma ideia de formação humana omnilateral, no sentido do que argumenta Marx (2010): sem tempo livre, o homem seria rebaixado à categoria de uma simples máquina, fisicamente destroçada e espiritualmente degradada.

Nesse contexto, em que a lógica fabril invade a lógica acadêmica pela necessidade imposta pelo padrão Capes de produtividade, mesmo entre os doutorandos que consideram adequado o tempo de duração do doutorado, vê-se que, por vezes, o tempo parece não ser tão adequado assim, fazendo-os abrir mão da qualidade, premidos pela pressa de concluir a tese: *“Para fazer o meu estado da arte da pesquisa, eu comecei a ler algumas [teses], selecionei algumas assim: ‘essa daqui dá uma curiosidade para ler na íntegra’, mas não tem aquele tempo todo para ler na íntegra. Então eu pegava algumas partes da tese para ler”*, (Da11). A dicotomia expressa nesse depoimento, entre o tempo não ser suficiente e a estratégia para torná-lo adequado, revela, de outro modo, que o uso das TICs pode otimizar o tempo em algumas etapas da pesquisa, em um contexto de pressão cronológica e de produtivismo acadêmico, fato que pode levar a certas práticas cada vez mais questionáveis no meio acadêmico, como é o caso do plágio e do autoplágio. (ZUIN; BIANCHETTI, 2015).

Percebemos, pelo teor das falas dos depoentes, uma preocupação com a temporalidade no sentido de cumprimento dos prazos, e não com a temporalidade de concretização da pesquisa. Nesse caso, os pedidos de prorrogação dos prazos de defesa da tese<sup>4</sup> têm, ao mesmo tempo, conotações positivas e negativas: positivas no sentido de possibilitar um pouco mais de tempo para aprimorar a tese; por outro lado, isso conta negativamente para a avaliação do programa e, em última instância, para o próprio doutorando em relação aos demais. Os doutorandos afirmaram também que se aperceberem às voltas com uma espécie de enigma da esfinge – “decifra-me ou te devoro!” –, numa lógica de competitividade e individualidade que acossa os pesquisadores na PG: *“Ou você produz algo assim, raso, ou você demora mais tempo do que os outros, então é uma escolha bem, bem difícil”*. (Da01). Da parte de alguns entrevistados, há a percepção de que a pressão à que estão sujeitados tem a ver com algo mais amplo, isto é, com a própria lógica do sistema hegemônico.

---

<sup>4</sup> Dos 16 doutorandos entrevistados, cinco fizeram uso dessa opção.

Por fim, com base na análise das falas dos entrevistados, percebemos que a revolução impulsionada pelo uso das TICs resulta em um duplo efeito: por um lado, aumenta a relevância do fator humano nos processos de produção e de serviços e, por outro, eleva a vulnerabilidade das pessoas submetidas aos efeitos colaterais indesejáveis das inovações tecnológicas decorrentes da intensificação do trabalho e do alargamento da jornada de trabalho, referente aos docentes ou aos doutorandos inseridos em um PPG.

#### 4 Qualidade das teses e produtividade acadêmica

Nesse item, enfatizamos como os doutorandos se referiram à qualidade das teses nesse tempo cada vez mais restrito e indutor da produtividade acadêmica. Percebemos que os doutorandos dizem que houve uma mudança no significado que a produção de uma tese tinha em tempos anteriores e aquele atribuído neste momento histórico, considerando a atual situação de fazer um doutorado em menos tempo e de se construir doutores em condições nem sempre favoráveis.

Especificamente sobre o tempo para produção de uma tese e a qualidade dessa, uma das entrevistadas relata: *“Estão cada vez mais compartimentadas, mas faz parte do próprio processo; cada vez você se aprofunda mais em algum fator. Tem gente que diz que são migalhas, poeiras e pedacinhos de mosaicos, mas eu acredito que é o próprio processo da ciência hoje”*. (Da16). Percebemos que há uma lógica de adaptação (KUHN, 2000) a uma nova maneira de fazer pesquisa tanto no que se refere à concordância em relação ao tempo limitado quanto no que diz respeito ao recorte da temática. Nesse sentido, uma das participantes da pesquisa afirmou que *“é uma tendência que existe no mundo a cada vez mais produzir mais em menos tempo. Não só da Capes, mas do mundo do trabalho”*. (Da04). Essa exigência de produção em menos tempo pode interferir, empobrecendo o processo de pesquisa e análise e de formação em geral. Por sua vez, as penalidades para os PPGs referentes ao não cumprimento do prazo de defesa em quatro anos para cada doutorando, provocam uma pressão neles no sentido de ficarem divididos entre “prejudicar o programa” ou escrever uma tese de qualidade duvidosa.

Por outro lado, um dos entrevistados ressaltou que a qualidade das teses depende de vários elementos que condicionam o desenvolvimento da pesquisa (Do15). Alguns afirmaram que a qualidade das teses não está relacionada somente ao tempo delimitado para sua conclusão. Uma

das depoentes (Da14) compara as teses de décadas anteriores com as que são desenvolvidas nos dias de hoje, afirmando que muitas dissertações produzidas nas décadas de 80 e 90 (em que o mestrado era realizado em um tempo maior) apresentavam qualidade superior às teses produzidas atualmente. De outro participante da pesquisa ouvimos um depoimento que compara aquilo que ele lê com o seu próprio processo de elaboração: “*Os trabalhos que eu vi são trabalhos feitos com qualidade, [...] suponho que gastaram muita energia para serem feitos. Eu não consigo conceber que as pessoas saem escrevendo um monte de coisas, eu sofro para escrever [...] para produzir uma página, duas*”. (Do08). Ainda sobre o processo de escrita da tese e o cumprimento do prazo, uma das entrevistadas afirmou: “*Tenho que concluir agora a tese, é doído, como qualquer coisa, dói escrever, ainda mais com prazo*”. (Da13).

Além das exigências de cumprimento de prazos, umas das depoentes (Da02), relatou que a dinâmica do doutorado demanda outras questões que para além do desenvolvimento da tese e da frequência às disciplinas, como a participação em grupos de pesquisa, congressos e a necessidade de publicar em revistas bem-avaliadas pela Capes (*Qualis*). Por sua vez, a qualidade das publicações foi objeto de análise de uma das nossas entrevistadas, que ponderou que as revistas de maior qualidade aceitam publicações apenas de doutores ou doutorandos com seus orientadores, o que dificulta a possibilidade de publicação. Por sua vez, “*a qualidade dos eventos atualmente, até em função da exigência da Capes de publicação e apresentação, também eu acho que já estão um pouquinho questionáveis. Porque publica-se de tudo, aceita-se de tudo [...]. Virou algo produtivista, mecânico, os artigos são publicados sem muita análise*”. (Da07).

Nesse sentido, Duarte Jr. (2010) denomina essa desenfreada proliferação de *papers* em todas as áreas de “papéis podres” [*rotten papers*]. No que se refere aos eventos, que também foram citados por uma entrevistada, Salles (2010) alerta para os riscos de a sua proliferação resultar na falta de aprofundamento das discussões na apresentação dos pesquisadores resultando no que denomina de “turismo de eventos”. Na mesma direção, Waters (2006, p. 42) também faz críticas dizendo que “o que conta é o produto e não sua recepção, não seu uso humano”.

O “requeentamento” de publicações (KUENZER; MORAES, 2005) e a falta de análise nas produções também são citadas por outra entrevistada: “*Essa lógica de publicação que faz com que muita coisa seja repetida ou de muitos autores que não fizeram e que só estão assinando. Então é uma lógica*

*mediocre mesmo da academia, que a gente acaba entrando, tendo que, sei lá, engolir*". (Da06).

A redução do tempo em nome de determinada produtividade, certamente, está mais relacionada a *rankings*, a classificações, à economia de recursos do que a processo formativo. O tempo do doutorado combinaria mais com um tempo de intensidades e que não deveria ser limitado ao tempo cronológico. Conforme um depoente, "*nós podemos estar escondendo determinados tipos de interesse e criando um bando de doutores que não 'ruminaram', que não puderam, de fato, trabalhar com mais intensidade as pesquisas*". (Do08).

## Considerações finais

A análise dos depoimentos que foram dadas pelos entrevistados possibilita-nos fazer algumas constatações acerca do sentido que atribuem às TICs nos processos subjacentes ao tempo de doutorado. Primeiramente, convergem ao se manifestarem a respeito de que a disseminação das TICs está propiciando muitas facilidades, com inegáveis contribuições, sobretudo no plano operacional, de acesso à bibliografia e à comunicação com o orientador, o que otimiza o uso do tempo. Por outro lado, explicitam o quanto essas estratégias, calcadas nas TICs, tornam possível a invasão do espaço/tempo dos envolvidos com a PG, quando essas conquistas (avanços tecnológicos para a diminuição do trabalho vivo) deveriam proporcionar melhorias na vida das pessoas. Evidentemente, conforme salientamos, esse movimento não pode ser explicado pelo uso das TICs em si mesmo, mas pelas condições nas quais esse uso é realizado, a saber, em função das condições de estudo e trabalho e de exigências por produtividade em ritmo acelerado e prazos encurtados aos quais os envolvidos com a PG estão submetidos.

Ainda que as TICs tenham sido apresentadas e defendidas como possibilidades objetivas de otimizar o tempo de pesquisa e que apareçam dessa forma nas políticas educacionais para, entre outros, justificar a possibilidade de encurtamento dos cursos de PG, até onde é possível depreender das falas dos entrevistados, as temporalidades na PG pouco têm sido alteradas em função do uso das TICs, pois há outras temporalidades – de vida/trabalho – essencialmente humanas que as TICs, neste momento, não podem contornar.

Ao sinalizar essas questões, ressaltamos o potencial técnico disponível e, em paralelo, as condições de apropriação/inclusão tecnológica e, principalmente, sua utilização para acelerar o tempo e contribuir para que as pessoas sejam sobrecarregadas com mais atividades a cumprir. Esse processo paradoxal faz com que, na dinâmica da PG, as pessoas sejam obrigadas a construir estratégias que, analisadas do ponto de vista pessoal, garantem a sobrevivência de si, a sua inserção no programa e uma boa avaliação para o curso. Mas, de outra parte, podem também provocar situações que permitam que se levantem questionamentos sobre a qualidade das produções dos envolvidos com a PG, bem como a decorrência dessas na sua própria vida, para além da ambiência universitária.

Esse contexto, no qual se encontram os pesquisadores, envolvendo disponibilização e apropriação tecnológicas, intensificação do tempo e cultura da produtividade e/ou necessidade de produtivismo, contudo, pode ser explicado – embora não aceito de todo – pelas políticas indutoras dos órgãos de regulação e fomento da PG, ao incorporar a lógica neoliberal do modo de produzir<sup>5</sup> nos processos de pesquisa acadêmica. Nesse cenário, a mediação das TICs têm servido, por pressuposto, muito mais para amenizar os tensionamentos oriundos da pressão por produtividade e intensificação do tempo, com usos predominantemente operacionais pelos pesquisadores, do que para a construção omnilateral dos envolvidos com a PG.

Por fim, constatamos que, mesmo havendo manifestações contrárias à pressão por produtividade e controle do tempo de conclusão do curso, a capacidade de resistência é suprimida, e aquilo que foi sendo construído passa a ser concebido como normal ou natural no processo de doutorado. Seria algo próximo àquilo que Kuhn (2000), como enfatizamos, denominou de “período de ciência normal”. Podemos dizer que os futuros doutores se habituem a essa nova indução no que diz respeito à diminuição do tempo de formação e ao aumento da produtividade, independentemente da qualidade da formação e dos *produtos* elaborados e publicizados.

---

<sup>5</sup> Produção de um particular capitalismo que adentrou a universidade: o chamado “capitalismo acadêmico”, conforme análise de Slaughter e Rhoades (2004).

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.; BRAGA, R. (Org.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, E. R. *O doutoramento: a odisséia de uma fase de vida*. Lisboa: Colibri, 2006.

ARAÚJO, E. R. O doutoramento, a estrutura da investigação e a gestão do tempo. In: ARAÚJO, E.; BENTO, S. *Como fazer um doutoramento?: desafios às universidades, práticas pessoais e organização dos tempos*. Porto: Edicopy, 2007. p. 177-200.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIANCHETTI, L. *Da chave de fenda ao laptop: tecnologia digital, novas qualificações e desafios à educação*. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

BRANDÃO, J. *Mitologia grega: dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. vs. I e II.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: Anped, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003.

DUARTE JÚNIOR, J. F. The rotten papers (ou adiós que yo me voy). In: DUARTE JÚNIOR, J. F. *A montanha e o videogame: escritos sobre educação*. Campinas, SP: Papirus, 2010.

FERRY, L. *A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KUENZER, A. Z.; MORAES, M. C. M. Temas e tramas na pós-graduação em educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1.341-1.363, set./dez. 2005.

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. L. I.

McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

MORAES, M. C. M et al. (Org.). *Formação de professores*. Perspectivas educacionais e curriculares. Porto: Porto, 2003.

NEGRI, A. *Kairós, alma vênus, multitudine: nove lições ensinadas a mim mesmo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SALLES, J. C. Notas sobre a filosofia no Brasil. *Cult – Revista Brasileira de Cultura*, Rio de Janeiro, ano 13, v. 151, p. 71-74, 2010.

SCHWARTZ, Y. *Trabalho e saúde: construindo outros modelos de gestão*. Florianópolis: Associação Brasileira de Saúde Coletiva, 2005.

SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. dos R. *Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*. São Paulo: Xamã, 2009.

SLAUGHTER, S.; RHOADES, G. *Academic capitalism and the new economy: markets, State and Higher Education*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2004.

TREIN, E.; RODRIGUES, J. O mal-estar na academia: produtivismo científico, fetichismo do conhecimento-mercadoria. *Rev. Bras. Educ. [online]*, v. 16, n. 48, p. 769-792, 2011. Acesso em: 10 dez. 2014.

TURNES, L. Pesquisa e pós-graduação: um estudo de caso sobre os usos das tecnologias por parte de doutorandos do PPGE/UFSC. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFSC, Florianópolis, , 2014.

PINTO, A. V. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v. I.

WATERS, L. *Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição*. São Paulo: Edunesp, 2006.

WATTS, J. H. Supervising part-time doctoral students: issues and challenges. In: THOMSON, P.; WALKER, M. (Org). *The routledge doctoral supervisor's companion: supporting effective research in education and social sciences*. Oxon, UK: Routledge, 2010.

ZUIN, A. A. S.; BIANCHETTI, L. O produtivismo na era do “publique, apareça ou pereça”: um equilíbrio difícil e necessário. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, p. 720-750, 2015.

---

Submetido em 10 de maio de 2016.

Aprovado em 6 de agosto de 2016.